

VII

MONUMENTO AO ATOR JOÃO CAETANO

João Caetano dos Santos nasceu em 27 de janeiro de 1808 e era filho do capitão de ordenanças João Caetano dos Santos e de d. Joaquina Maria Rosa dos Santos. Ainda muito jovem, assentou praça como cadete no batalhão do Imperador e, durante sete anos, esteve nas fileiras do Exército, tomando parte em algumas campanhas, no sul, onde deu exemplos de coragem. Os seus pendores, entretanto, manifestados ainda em plena juventude, indicavam o teatro como a carreira de sua preferência e, por isso, contrariando os desejos da família, deixou as fileiras, tornando-se ator. Apareceu em cena, pela primeira vez, em 1827, num teatrinho particular da vila de Itaboraí, desempenhando o papel de "Carlos", no drama "O Carpinteiro da Livrônia". Animado com o êxito da estréia, veio para o teatro de Niterói, onde abriu uma assinatura de 10 réditas, apresentando os dramas: "Otelo", "Antônio José", "Catarina Howard", "Tôrre de Nesle", "Fayel", "Oscar, o filho de Ossian", "Aristodemo" e "Última Assembléia dos Condes Livres". Alguns meses depois, entrava para o Teatro Constitucional Fluminense, vencendo o ordenado mensal de 30\$000. Mais tarde, amparado pelo visconde e marques do Paraná, conseguiu reconstruir o teatro de Niterói, reabrindo-o no dia 2 de dezembro de 1833, com o drama — "O Príncipe amante da liberdade ou a Independência da Escócia". Deve-se a João Caetano a organização da primeira companhia dramática nacional e a formação do teatro brasileiro, com atores nacionais, oferecendo-lhes ordenado fixo e certo amparo material. Vindo para a Côrte, construiu um teatro na rua do Valongo, com três ordens de camarotes. Não obtendo êxito comercial, foi trabalhar em outros teatros, em São Januário, Mangaratiba e Angra dos Reis; voltou a Niterói, foi depois à Bahia e ao Recife, marcando sua carreira com triunfos que o tornaram um ator popular. Reedificou, mais tarde, o teatro São Francisco, que se abriu em 1841. Encarregou-se, também, da empresa do Teatro São Pedro. Cinco meses depois, este teatro foi destruído por violento incêndio. Passou a

ocupar o teatro de São Januário, mas reconstruiu o São Pedro. Foi ao Rio Grande do Sul, onde obteve notável sucesso e, voltando à Corte, teve o infortúnio de assistir ao terceiro incêndio do Teatro São Pedro, que ainda reconstruiu, com a sua pertinácia, representando aí novas peças, que passaram a merecer a preferência do público. Estêve na Europa, em 1860, e representou em Lisboa, obtendo êxito. Voltando ao Brasil, afetado de moléstia grave, pouco viveu. Antes de morrer, firmou, do próprio punho, as seguintes palavras: "Vistam o meu cadáver com o hábito de São Francisco e coloquem-lhe no peito o hábito de Cristo com que meu pai foi sepultado; encerrem-no em um caixão pintado ou forrado de paninho e conduzam-no ao cemitério na sege mais pobre que houver, acompanhando-o somente o meu compadre Afonso e o capuchinho Frei Luiz".

Sua morte ocorreu na manhã de 24 de agosto de 1863, e o enterramento, no jazigo n.º 3.164, do cemitério São Francisco de Paula, teve a maior simplicidade, comparecendo todos os artistas da Companhia João Caetano e de outras companhias dramáticas existentes na cidade.

Por iniciativa do ator Francisco Correia Vasques, foi mais tarde erigido a João Caetano o monumento, que se encontra agora em frente ao teatro que tem o seu nome, na Praça Tiradentes.

A estátua foi erguida no local onde estêve instalada a Academia Nacional de Belas Artes e a inauguração teve lugar no dia 3 de maio de 1891. O local, formando uma área em semi-círculo, apresentava-se engalanado. Das janelas das casas vizinhas pendiam vistosas colchas de variadas cores, aglomerando-se, nas proximidades, considerável multidão.

As 11 horas e 30 minutos chegava o presidente da República, marechal Deodoro da Fonseca, em traje civil, acompanhado de sua casa militar, sendo recebido ao som do Hino Nacional. As bandas de música executaram, depois, o "Guarani" e, obtida a vênua do chefe do Governo, desvendou-se a estátua do grande ator, ao som do hino triunfal "Il Gottard".

Discursou o jornalista Pereira da Silva, que fez o elogio de João Caetano. Por último, as bandas de música executaram um "pot-pourri" da "Gioconda" e o Hino Nacional. A numerosa assistência era composta, em grande parte, de funcionários do Ministério da Instrução, corpos docente e administrativo do Instituto Nacional de Música e da Academia Nacional de Belas Artes, atores e escritores dramáticos.

Depois que a Escola Nacional de Belas Artes deixou a sua primitiva sede, na travessa das Belas Artes, transferindo-se para o local onde hoje se encontra, a estátua de João Caetano foi removida para um recanto do parque da praça da República. Mais tarde, em 24 de maio de 1916, foi colocada no lugar adequado, em frente ao Teatro João Caetano, antigo São Pedro, na praça Tiradentes, de onde o grande ator irradiara sua glória artística.

O trabalho é de autoria do escultor Francisco Manuel Chaves Pinheiro, que o projetou em gesso, sendo exibida a "maquette" na Exposição de Filadélfia, em 1876. Foi fundido em Roma, em 1890, pelo artista Nisi. O pedestal foi levantado em frente à antiga Academia de Belas Artes, pelo arquiteto Heitor de Cordovile. A estátua é de bronze, em tamanho natural, e representa o artista na situação mais patética da tragédia "Oscar, filho de Ossian", de Arnoult. Do lado que tem face para a praça ajardinada, vê-se um medalhão com a effigie de João Caetano dos Santos, e no lado oposto, aberta no granito, vê-se também a seguinte inscrição: "A João Caetano, glória do teatro brasileiro — III — MDCCCXCI".

Essa iniciativa exprimiu um preito de homenagem dos amigos e discípulos do ator, à frente dos quais se encontrava Correia Vasques, o qual, promovendo subscrições e realizando espetáculos de benefício, conseguiu, em longos anos de tenacidade, os recursos indispensáveis ao custeio da obra.